

a Super-menina

espessos,
letras e livros

uma criação d'Os Espacialistas

com palavras de Gonçalo M. Tavares

15.10.22 a 12.02.23

Mulher, homem

Uma mulher que toca o sagrado - queima-se.

Um homem que toca o sagrado explode, é feito em pedaços, decapitado, amputado de pernas e braços, transforma-se em tronco informe, depois em cinza que é varrida, para fora de casa, por uma vassoura apressada e pouco cuidadosa; misturam-se as cinzas com o lixo e com a água da chuva, escorregam as cinzas pela rua no meio da água porca, caem as cinzas pelas grelhas metálicas, desaparecem nos canos; transforma-se, enfim o homem noutra coisa – o homem deixa de existir porque tocou o sagrado.

Uma mulher que toca o sagrado - queima-se.

Um homem que toca o sagrado explode, é feito em pedaços, decapitado, amputado de pernas e braços, transforma-se em tronco informe, depois em cinza que é varrida, para fora de casa, por uma vassoura apressada e pouco cuidadosa; misturam-se as cinzas com o lixo e com a água da chuva, escorregam...

Gonçalo M. Tavares

A menina Agustina faz 100 anos e Os Espacialistas prepararam-lhe uma festa de aniversário com letras grandes e letras pequenas, e muitas histórias para contar, uma vez, outra vez e outra. Com palavras duplas, triplas, múltiplas em sentido. Palavras que mudam de direcção e tamanho, que aumentam e diminuem à medida que as contamos, entramos nelas como em casas habitadas por imagens de espantar. Palavras que ora são crianças ora são adultas. Que se transformam em frases e contos populares enquanto caminhamos e as descobrimos nos espaços brancos onde se encontram entrecidas umas nas outras com todas a incertezas do mundo. Palavras vizinhas cheias de riscos, de boas e más in/tensões, capazes de todo o tipo de ligações próximas e

distantes, das mais humanas às mais cruéis que dissecam e profanam tudo o que é humano, sagrado e quotidiano. Palavras escritas nas muralhas de mundos fechados para meninos e meninas com memórias de giz que não se assustam nem angustiam na sua pequenez e se abrem à descoberta doméstica de toda a espécie de relações humanas e animais, que sonham, contam, somam, subtraem, multiplicam e dividem em jogos de imagens e poder, doces e perversos à vez, em constante conflito familiar.

No mundo fechado de Agustina, é o corpo e as suas ligações que estão em jogo. A metáfora do coração, que transporta de um lado para o outro é o conflito entre-humano.

Nesta exposição dedicada à Super-Menina que foi a Agustina Bessa-Luís, Os Espacialistas transformam o deambulatório aéreo do claustro do Convento de São Gonçalo, no corpo de uma criança e no seu espaço de recreio. Criam uma caderneta de significados de paredes, tecto e chão, cheia de imagens, de jogos e apontamentos objectuais de origem anatómica, reflexo da maior parte das actividades humanas, presentes nos textos de Agustina, através da forma como “esquiça” as relações humanas das suas personagens, espelhos do seu contexto familiar e social.

Cada uma das alas do claustro é uma página de caderneta escrita por uma narrativa fotográfica espacialista e um conjunto de 100 palavras espacializadas de Gonçalo M. Tavares. Um espaço

superpovoado de imagens e objectos à semelhança dos manuscritos da escritora. Um espaço onde cada ala é uma estação da vida, onde as figuras geométricas são personagens, onde se pode jogar ao dominó, à laranjinha, andar à vela, e sonhar com o Vale Abraão.

Aqui brincar é consciencializar o futuro do corpo incerto de cada um de nós através de jogos de letras e palavras antigas, jogos de escalas e de objogos tradicionais, ainda presentes na memória de alguns de nós, transformados em jogos poéticos de corpo, espaço e linguagem, onde se revela a natureza anatómica da maior parte dos es/passos, dos gestos e dos objectos do nosso quotidiano (artístico) onde o corpo, o porco e o copro se lançam ao acaso, em permanente jogo visceral por causa do grande nó nas tripas que nos une a todos.

Podemos vê-lo no diálogo de escalas criado entre as grandes letras prateadas de festa de aniversário instaladas junto ao tecto, a formar nomes de livros de Agustina Bessa-Luis, e os milhares de caracteres na forma de sopa letras espalhadas junto ao chão, em tom de notas de rodapé, humanas e animais para meninos grão-de-milho, com dentes de rato. Um caderno em potência à espera de ser escrito por quem o habitar, repleto de memórias e imagens de recreio infantil póstumo, de alguém que nos escreve a todos para a frente.

As montagens artísticas de paredes, tecto e chão de natureza objectual, as imagens Espacialistas produzidas a partir de es/passos, letras de diferentes tamanhos, tipos e materiais, livros e muitos outros objectos provenientes do kit Espacialista e de práticas agrícolas tradicionais são reverberações memoriais e imaginárias de Agustina.

Todas as instalações são diálogos entre os jogos tradicionais infantis, os conflitos sociais e familiares e as actividades humanas agrícolas e animais (perversas) presentes nos livros e nas memórias de Agustina Bessa-Luis.

As casas, a família, as terras, os animais, as práticas animais e agrícolas, os alimentos, as actividades domésticas, os objectos de dentro e de fora, as paisagens, os gestos, os costumes, as brincadeiras de criança, os jogos (humanos), as monas, o fogo, a religião, o vinho, as vísceras, os moinhos de água e o cinema estão presentes.

A Agustina tinha uma relação ambígua com a água. As imagens líquidas espacialistas aparecem na forma de esculturas escritas instantaneamente, malhadas como os cereais, violentas como os humanos, fluidas como o rio, fonte de labaredas purificadoras do grande fogo líquido que é um rio, símbolo de renascimento contínuo, imagem da modernidade líquida contemporânea. A água do rio é folha, caneta, tinteiro, tinta, meio e mensagem, superfície e profundidade, metáfora da fluidez torrencial da sua escrita em movimento, que nunca cessa de correr mesmo quando erra, engana ou esquece.

Uma festa de aniversário impopular, cheia de cheios e vazios (vides) e de p/referências artísticas d`Os Espacialistas, aberta a todos os amigos da Super-Menina que gostava de escrever cartas, que começou a escrever histórias a partir das estampas que recortava para ilustrarem aquilo que escrevia, que nasceu póstuma e vai viver para sempre criança.

Parabéns Super-Menina !

Desejamos que gostes da festa que preparamos para ti.

Os Espacialistas

